

Ética e Sociedade *Ethics and Society*

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ - São João del-Rei-MG)
mauricio@ufs.edu.br

Resumo: Este trabalho examina os movimentos mais recentes da sociedade ocidental comparando-o com o núcleo axiológico que sustenta o ocidente há séculos. Na caracterização do homem de hoje utilizamos o conceito orteguiano de homem massa, adaptando-o às circunstâncias atuais. Concluimos que este novo mundo não significou um rompimento com os valores centrais do ocidente, ainda que os viva de modo novo.

Palavras-Chave: Ética; Sociedade; Culturalismo.

Abstract: This paper examines the most recent movements in Western society by comparing them with the axiologic nucleus that has sustained the West for centuries. As we characterize today's man we use the Ortegan concept of 'mass man', adapting it to contemporary circumstances. We conclude that this new world has not established a break with the central values of the west but rather experiences those values in new ways.

Key Words: Ethics; Society; Culturalism.

1. Considerações iniciais

Falamos de Ética e Sociedade porque entendemos haver um vínculo insuperável entre eles. O homem nasce e vive em uma sociedade que como ele próprio é histórica. Sempre vivemos em grupo, mas “a novidade de nosso tempo é que o homem concebido como existente não é tomado à parte do mundo” (Carvalho, 1998, p. 12). Dizer que a vida humana realiza-se na sociedade não significa que o homem não tenha intimidade. Ele está parte do tempo consigo, mas sua subjetividade não é tomada à parte do que o cerca.

A vida se desenvolve numa cultura que é uma espécie de segunda pele e que surge pela objetivação de valores. Portanto, quando falamos da vida em sociedade reconhecemos que ela possui sustentáculo moral porque os grupos humanos movem-se em espaços de relacionamento, modificam a natureza, criam ciência e desenvolvem normas de convivência a partir dos valores que alimentam e objetivam.

Os princípios morais não são objetivados nem assumidos de forma automática, o que faz da liberdade aspecto fundamental da existência. A vida humana é uma jornada de liberdade possível. A liberdade se realiza na circunstância como fala o filósofo José Ortega y Gasset, ela nasce do reconhecimento de que há exigências absolutas que não podem ser desconsideradas em nossas vidas. Por conseguinte, quando uma sociedade tem uma experiência histórico-cultural em sintonia com as normas que criou vive momentos de conforto, caso contrário mergulha em crise. Ciclos de maior e menor conforto se sucedem na história.

As crises da cultura não são necessariamente momentos ruins elas proporcionam a avaliação dos valores. Nosso tempo vive uma destas crises que começou no último século, mas ela não rompeu com os valores centrais do ocidente, nem com a rota estabelecida na modernidade.

2. A pós-modernidade

As mudanças bruscas na vida social foram sentidas desde o último século e foram percebidas como crise. Filósofos como Heidegger, Jaspers, Delfim Santos e Ortega y Gasset a identificaram e apontaram causas para ela. Será que a crise representa um rompimento com os valores centrais de nossa cultura? Podemos falar de transformação substancial desses valores? A resposta parece negativa para ambas as indagações. A razão para as negativas é que permanecem válidos os valores centrais do ocidente: a dignidade da pessoa humana, o amor como expressão de vida, a vida como que fazer em liberdade, a liberal democracia e o estado de Direito.

O que foi propriamente a crise vivida no último século? O que a alimentou? Eis o principal na primeira parte do século: revolução soviética de 1917, a crise da bolsa de Nova York de 1929, a ameaça dos totalitarismos, as duas guerras mundiais, a 1914-1919 e a de 1939-1945 com suas conseqüências: a guerra fria, a nova família, novos focos de tensão entre pais e filhos, ingresso da mulher no mercado de trabalho, consumo de massa, o despertar das nações asiáticas e africanas e as guerras étnicas, culminando numa espécie de auto-esquecimento da condição humana.

As dificuldades acima mencionadas foram temas de várias escolas filosóficas: existencialista, raciovitalista, personalista, fenomenológica, marxista, filosofia católica, mas foram igualmente observadas por: psicanalistas, antropólogos, historiadores, sociólogos e outros estudiosos da cultura. Foi um tempo dedicado a fazer um balanço do historicismo otimista sustentado por uma razão esclarecedora e uma ciência benfeitora que fizera acreditar num futuro grandioso para o gênero humano sem a necessidade do esforço pessoal. Assistimos nascer um homem que se esqueceu de si e de seus compromissos, consumista, hedonista, pouco empenhado em viver sua vocação. Ortega y Gasset o denomina homem massa. Como já dissemos (Carvalho, 2002, p. 417): “As massas não são classes sociais ou uma agremiação política, o homem massa é mais que um fato psicológico (...) é um produto cultural, é desvio de rota da sociedade ocidental”.

As últimas décadas do século XX assistiram outras mudanças e passou a ser nomeado de período pós-moderno para significar que a crise se encaminhava para o estabelecimento de uma nova era ainda não de todo delineada, mas uma nova era. No entanto, o distanciamento que hoje temos daqueles dias nos permitem avaliá-los de outro modo. O que se chamou de pós-modernidade foi o aprofundamento da revisão iniciada na primeira metade do século com a introdução de novos elementos, a percepção: de que as relações pessoais só se justificam quando valem a pena resultando num número alto de separações e novos casamentos, de que o trabalho expressa vocação íntima e não é só o ganha pão diário, que todos têm direitos iguais de ocupar os cargos e espaços públicos, que os dogmas religiosos não são mais aceitos como antes, que cada um é responsável por sua vida, que a política é mais espaço de resultados do que de ideologias.

O resultado da revisão da vida e dos valores pareceu para alguns pensadores um afastamento dos valores nucleares do ocidente numa nova etapa histórica que sucedia os tempos modernos. O impacto inicialmente percebido na Estética com a superação do classicismo e da autoridade por um individualismo radical alimentou uma nova versão do homem massa, menos preocupado ainda com sua intimidade, mais hedonista, e consumista do que observara Ortega. As massas são apaixonadas pelas novidades, aderem ao fútil,

adotam exigências crescentes de bem estar, rejeitam compromissos de longo prazo e desejam aprofundar o prazer sensível. Estamos diante de um novo Narciso.

A nova versão do homem massa é uma ameaça, mas não representou o real rompimento com a modernidade ou com os valores do ocidente nomeados anteriormente.

3. Versão atual do homem massa.

A retomada dos projetos modernos ganhou fôlego no final do último século com o término da Guerra Fria, o desenvolvimento das tecnologias de informação e a aceleração do comércio mundial. Este quadro foi marcado por um liberalismo conservador que maximizou a competição e reduziu a atenção dos Estados com questões sociais. O que se assistiu foi a precarização dos empregos, o aumento da diferença entre os mais ricos e pobres, dentro e fora dos países, aumento das exigências para aposentadoria. A maior oferta de bens e divertimentos somados à incerteza quanto ao futuro e em quase todo mundo estimulou a busca do prazer imediato e a busca de novas bases para a social democracia.

Nesta circunstância surgiu uma nova versão do homem massa. Ele não apenas foge do esforço, do empenho para mudar as coisas, do esforço para a auto-realização, não é apenas o medíocre pretensioso como o caracterizava Ortega y Gasset. Ele se tornou o consumista compulsivo da vida sorvendo tudo o que dá prazer imediato, mantém relacionamentos humanos superficiais e se ocupa pouco de aprofundar seu entendimento das coisas e de suas possibilidades. Assume e radicaliza o egoísmo hedonista presente no liberalismo desde John Locke, “mas esquece os limites ao consumo, luxo e esbanjamento impostos pela ética protestante e que no fundo, também estava inserido na proposta de Locke” (Carvalho, 2006, p. 32). O consumo de bens materiais alcança níveis inimagináveis e sua fruição é buscada por puro prazer. O homem-massa quer consumir o mais possível, de modo semelhante em todo o mundo e de forma a obter prazer crescente, o que foi denominado por Sébastien Charles no artigo *Da pós-modernidade a hipermodernidade* de comunitarização do consumo.

Acentuam-se, assim, as ambigüidades descritas por Ortega y Gasset. A sociedade gera bens, tecnologia e conhecimentos como nunca e o homem sente-se afastado dele

mesmo. Proclama-se à saúde, há abundância de alimentos, mas ele ingere inadequadamente alimentos em qualidade e quantidade. Ele não dá grande importância à fé religiosa, as religiões tradicionais perderam força, mas adere ao discurso mítico e os manuais de auto-ajuda. O amor é proclamado, mas resume-se ao ficar, a liberdade é apresentada como fundamental, mas o homem tem maior dificuldade para realizar seu projeto vital.

A questão, portanto, é ética e o enfrentamento dela não significa um retorno ao modo como se vivia nas últimas décadas. No entanto, há algo que fica em meio a tantas mudanças. Ocorre a exacerbação do individualismo e do hedonismo, mas ainda não a ponto de romper com os valores nucleares do Ocidente. Nas palavras de Charles (2004, p. 108): “o relativismo dos valores não contribuiu para o niilismo moral porque perdura um núcleo duro de valores democráticos essenciais, núcleo em torno do qual se firmou um forte consenso”. O núcleo dos valores invariáveis é, a nosso juízo, mais extenso que os democráticos e sua forma foi resumida por Miguel Reale e Antônio Paim.

4. Desafios de hoje

Quais valores constituem o núcleo da moral ocidental? A pessoa, sua liberdade, o amor de que é capaz e a experiência democrática. Nosso tempo não rompe com valores nucleares da cultura ocidental. Deles o principal é a pessoa humana, do qual os outros dependem. Como se apresenta o valor, o que o fundamenta ou permite o reconhecimento universal? Esse valor nuclear é o homem que é simultaneamente o criador e cultivador dos valores. Olhar o homem como pessoa foi uma fórmula cristã, mas acabou reconhecida como o eixo central da moralidade ocidental. Esse fundamento permanece, mas convive com atitudes pouco coerentes e muito diferentes das que eram aceitas pelas gerações que nos antecederam. No entanto, este fato não destrói o eixo axiológico da sociedade nem o esforço para alcançar concepções equilibradas, como observa Antônio Paim (2003):

As acepções de pessoa humana estruturadas em determinadas épocas não são sucessivas e superáveis, (...), mas coexistentes e arraigadas. Contudo, sempre se levantam vozes contra essa tendência à unilateralidade e em prol de visões mais integradas e equilibradas” (p. 80).

O que significa uma visão mais equilibrada hoje em dia? É uma que reconhece a dignidade da pessoa, mesmo sabendo que é difícil admiti-la para terroristas e fanáticos. A dificuldade é real não importa se essa percepção se aplica a uma comunidade com outras crenças como a muçulmana, ou se trata de desconsiderar a dignidade de parcelas enormes da sociedade por preconceito econômico, racial ou qualquer outro. Mesmo defendendo a dignidade humana, a incoerência é grande em nossos dias. A razão é que o homem conserva uma parte animal que não é erradicada pela sociedade civilizada, embora o processo cultural confira valor mesmo aos atos naturais simples como comer e procriar. Conforme observa Parsons (1982, p. 162): “Apenas o ser humano faz surgir o dever como possibilidade e já o dever impõe limites ao que o ser humano poderia vir a ser”.

Qual o impacto que os valores culturais têm na vida hoje? Pode-se considerar que os grandes valores do ocidente permanecem e a revolução cibernética nem mesmo rompe com os projetos da modernidade. As rápidas mudanças da vida social provocam transformações no modo como os valores são experimentados e esse fato faz as coisas parecerem confusas, como diz Parsons:

A moral, em suas raízes latinas, se caracteriza como algo de pesado, inamovível e campesino: os mores são os usos e costumes de um povo, embebidos de hábitos que estão na base dos seus caracteres e que os une num sólido limite. Destruam os mores destruirão os homens e a sociedade. A moral tradicional, porém, não satisfaz muita gente hoje em dia, a sociedade e os mores estão em uma confusão como nunca se viu (*idem*, p. 160).

Como entender a confusão sentida em nossos dias? Primeiro e antes de tudo reconhecendo uma nova condição do homem descrita por Garaudy (1982, p. 13): “o homem não é nada além daquilo que sua atividade livre cria, cada homem é aquilo que faz segundo a fórmula do fichtiano Lequier retomada por Sartre: fazer e fazendo-se fazer e não ser outra coisa além do que se faz”. Essa formulação existencialista ainda é válida para falar da vida, a vida do homem resulta de suas escolhas e do seu esforço para sustentá-las. A

vida é o que fazemos, superando os riscos, o auto-esquecimento e o medo que paralisa. Esse entendimento não é contrário à modernidade, reúne liberdade e maioria como foi pensado no iluminismo. Os blocos supranacionais ganham força em nossos dias complementando a força dos Estados Nacionais que foi criação moderna. Novos problemas aparecem como o de entender até que ponto a fidelidade a um Estado pode justificar ações que comprometam toda a humanidade? Apesar dos blocos o Estado nacional permanece. Outros problemas são: até que ponto o desenvolvimento de um grupo pode ameaçar a segurança ambiental de toda a humanidade? Até onde vale a autodeterminação dos povos se o caminho escolhido for o de destruir o planeta ou romper os direitos fundamentais do homem? O deslocamento da atenção mundial para os países do oriente ou mesmo para os Estados Unidos é outra novidade para um mundo eurocêntrico até recentemente. Nenhuma destas questões põem em dúvida os valores centrais do ocidente.

A família, por exemplo, mudou bastante, os momentos de convivência em torno da mesa, o convívio dos finais de semana reduziu-se substancialmente, o pai e até a mãe tentam conciliar a convivência familiar com a realização profissional, a mulher entrega-se à preocupação exagerada com a beleza física e o homem busca ganhar mais dinheiro para atender às novas exigências do consumo. Tudo isso traz mudanças que precisamos compreender e avaliar. Há conseqüências que não desejaríamos como a falta dos pais e de afeto nas famílias. No entanto, quando o horizonte desta geração é o medo das privações de uma velhice cada vez mais longa e da discriminação dos mais velhos, entende-se a dedicação exagerada ao trabalho. Se se considera a competição das mulheres com outras mais jovens enxerga-se a desesperada e infeliz tentativa de se parecer mais jovem do que se é. É claro que há exageros no comportamento de vovôs cinquentões com ares de adolescentes irresponsáveis competindo com os netos nos sites de relacionamentos. Em contrapartida também se nota o exagero das cinquentonas vovós, freqüentadoras assíduas das clínicas de estética e academias de ginástica, competindo com suas filhas e netas com pernas e barrigas à mostra. Tudo isso aponta para um mundo de relacionamentos familiares horizontais, com autoridade reduzida. No entanto, exageros à parte o homem é ainda o valor central. O desafio é superar os exageros sem afetar os desafios da atual geração, de

nada valendo resmungar pelo retorno de um tempo que passou onde a juventude lutava por projetos ideológicos, onde a mulher ficava em casa ao lado dos filhos e à espera do marido.

Preservar valores nucleares da cultura não significa imutabilidade, o problema é quando as mudanças descambam em exageros e eliminam da vida: família, trabalho, leitura, amigos, distração, cuidado com a saúde, religião, etc. O problema é que o tempo das academias, clínicas de estética e salões de embelezamento estão consumindo vida demais, a preocupação com a beleza física desobrigando a busca do equilíbrio íntimo, a realização profissional levando o restante do tempo. É uma época em que a condição humana parece se restringir ao trabalho, cuidados com o corpo, o prazer rápido e consumo crescente, mas a vida é mais do que isso. Fingimos desconhecer que nossa melhor alternativa é envelhecer com dignidade, que o amor é o companheiro para todos os dias, que construir um sentido para o viver exige meditação e ensimesmamento e que o trabalho, a saúde, a distração e o prazer estão a serviço de um projeto de vida que não se restringe a poucas coisas. Esses elementos ainda estão aí e são apresentados entre o desencanto com uma nova plástica ou aplicação de botox, ou mesmo pelo confronto com as situações limites que nos cercam, o sofrimento, a morte, as limitações. Estamos percebendo que o ímpeto consumista e imediatista estão levando o mundo natural à exaustão com o efeito estufa, buraco de ozônio na atmosfera, ameaça de extinção de vários seres vivos, redução dos mananciais de água potável, desertificação de áreas cultiváveis, etc. Temos que continuar produzindo, mas o limite é a preservação das condições de vida. Superamos o discurso preservacionista ideológico, anticapitalista, mas temos limites reais ligados ao futuro da humanidade.

De alguma forma as circunstâncias de uma época afetam os valores ou a percepção que deles formamos. Estamos descobrindo que todos esses acontecimentos têm que ser pensados no âmbito da circunstância em que são elaborados. Entendendo a moral como atividade concreta na qual o homem cria e pensa valores, estamos dando um passo importante para rediscutir tais valores.

Todos nós temos uma dívida com a sociedade onde nascemos, pois nossa vida é favorecida pelas coisas que encontramos e que foram feitas pelas gerações que nos

antecederam. E se somos devedores das gerações passadas quando entramos na vida, encontramos na sociedade regras de funcionamento que precisamos obedecer e aperfeiçoar. Essa dívida com os homens de ontem é ampla e imponderável porque a tradição que nos favorece foi fruto do esforço dos grandes gênios da humanidade, como diz Reale (1989, p. 179): “O que a humanidade deve a personalidades como Buda, Moisés, e Jesus, está acima de todas as conquistas da mente inquisidora e construtiva”. Mesmo que reconheçamos que esses homens notáveis construíram o principal dos valores que tecem a vida social, os gênios das ciências e das técnicas também nos deixaram legado maravilhoso. E não só temos dívida para com os notáveis, pois também o empenho do homem comum realizando sua vocação contribuiu para o enriquecimento material e espiritual da nossa sociedade.

Ao nos reconhecermos devedores das gerações passadas não significa que possamos virar as costas aos desafios de nosso próprio tempo. A melhor forma de pagarmos a herança que recebemos é deixando para as gerações futuras uma sociedade melhor que a recebida, com leis mais justas, com uma democracia mais atuante, com maior amplitude dos valores de humanização, no respeito à dignidade das futuras gerações como se já estivessem ao nosso lado. É o sonho moderno reciclado pelas dificuldades de hoje.

A dívida com o passado nos obriga também a reorganizarmos a sociedade atual segundo a capacidade e as possibilidades que temos, pois somos diferentes e vivemos mundos diversos cuja possibilidade de criação não é igual. Cada homem tem seu limite, é desafiado a construir uma sociedade com melhores oportunidades, mais justa nas suas relações, sem impedir a criatividade e a liberdade de iniciativa das pessoas. Todos ficam, contudo, obrigados a obedecer aos limites que a sociedade estabelece para a convivência e aperfeiçoamento sociais.

Para retribuir tudo quanto recebemos da sociedade devemos trabalhar. Pelo objetivo está claro que a questão não é gerar riquezas a qualquer custo e essa compreensão ética do trabalho estabelece limites aos ganhos e aos procedimentos. É a falta desse significado moral da atividade laboral que alimenta a corrupção ativa o egoísmo humano. Se não conseguimos nos livrar de nossos impulsos egoístas e hedonistas como notou Kant é necessário colocar-lhes limites para não destruir a natureza nem permitir que a corrupção, a

sonegação, o contrabando, façam crescer a injustiça e os males dela decorrente. Nesses últimos anos notamos que os casos de corrupção cresceram em todo o mundo. Perder o sentido ético do trabalho ou a dimensão do serviço leva a beneficiar-se ilegalmente do que é dos outros.

O que amarra as ações sociais aos direitos e deveres dos cidadãos é o Direito, mas as leis como criação social não deixam de contemplar a experiência moral do grupo, pelo menos aquela que é possível num certo momento e etapa do desenvolvimento social.

A relação entre a ética e a vida social comporta diversas percepções e uma das mais importantes é que a vida social é relação entre sujeitos, espaço de intersubjetividade ou lugar de relacionamento coletivo. Isso nos faz olhar a subjetividade na relação com os outros como nos ensinou a fenomenologia, ou conforme diz Miguel Reale (1989, p. 178), é “mister concebê-la como um ser transcendentalmente comunitário uma vez que as realizações humanas na história não são expressão da consciência intencional de fulano ou beltrano”. Reconhecer que a subjetividade só se realiza na intersubjetividade é outro modo de dizer que reconhecemos à subjetividade moral como pressuposto da experiência histórico-cultural.

5. Considerações finais

Podemos concluir pela existência de um vínculo insuperável entre ética e sociedade, pois a construção da segunda depende da primeira. Se pensarmos a vida como uma jornada que se passa entre os homens, ninguém pode permanecer alheio aos problemas de sua comunidade ou ao destino dela. Deixar de fazer pela sociedade o que podemos: não melhorar o patrimônio que recebemos, violar regras existentes e pactuadas, não ajudar na superação de desigualdades opressivas, desocupar-se do destino dos nossos filhos hoje e amanhã, deixar de investir no amor, concentrar todo esforço na busca de mais riqueza e de manter a juventude que se foi é conduta que nossa razão condena. Esse entendimento não é resquício contra-reformista porque não condenamos nem a riqueza nem o prazer, apenas indicamos outros valores a elas associados.

O vínculo entre a ética e a sociedade revela o eixo fundamental no qual temos que pensar nossa existência enquanto indivíduos singulares, mas também membros de uma coletividade. Na nossa relação com os outros e com a natureza produzimos a cultura que é uma espécie de segunda pele na qual nos movemos. A cultura é uma extensão de nós mesmos, conforme explica Ortega y Gasset. No mesmo sentido afirma Reale (1989, p. 180): “A cultura, tudo somado, nasce do homem e ao homem se destina, o que explica que deve ser concebida como um ente moral, não obstante sua radical historicidade”.

O vínculo entre o projeto de sociedade concebida como valor e nossa subjetividade como caminho de liberdade é a forma como deve a vida humana ser concebida e realizada. Esse é um eixo fundamental que liga a escola culturalista brasileira através de Miguel Reale aos herdeiros de Ortega y Gasset membros da denominada Escola de Madri. Esse eixo contempla a tensão existente entre a solidão radical do ensimesmamento e a vida em sociedade, como traduz a filósofa e herdeira de Ortega y Gasset, Maria Zambrano (2004, p. 157): “O lugar do indivíduo é a sociedade, porém o lugar da pessoa é o espaço íntimo”.

Ao aproximar existência singular e sociedade, ética e cultura não o fizemos, portanto, na expectativa de estabelecer uma síntese eclética, mas reconhecendo ser a subjetividade inserida no meio cultural a forma mais adequada de entender o homem atual. O vínculo entre a Ética e a Sociedade nos leva a rejeitar a idéia de um momento histórico que deixou para trás os valores e projetos ocidentais. Os valores nucleares do ocidente permanecem válidos. Os problemas de hoje e eles existem não rompem com o eixo axiológico que identifica a sociedade ocidental. Se não podemos voltar atrás e viver como antes, a melhor alternativa é aprofundar o sentido do mencionado núcleo ético. É o que evitará que os desafios de hoje não nos levem à unilateralidade de uma vida centrada no prazer efêmero e no consumismo, entendido, esclarecemos, não como o consumo crescente de bens advindos do enriquecimento da sociedade, mas como o uso dos bens para distrair e afastar o homem de sua vida mais íntima, uma forma de compensar o auto-esquecimento. Portanto, o consumismo não é um fenômeno de hoje, mas é observado desde o início do século XX quando a abundância de bens associou-se ao esquecimento de si na raiz de uma crise que foi identificada por pensadores como Ortega y Gasset e Karl Jaspers.

Referências:

- CARVALHO, José Mauricio de. *O Homem e a Filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- _____. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: CEFIL, 2002.
- _____. O liberalismo de John Locke e Silvestre Pinheiro Ferreira In: *Atas do VII Colóquio Internacional Antero de Quental*. São João del-Rei, UFSJ, 2006.
- CHARLES, Sébastien. Da pós-modernidade a hipermodernidade. *Philosophica, revista de Filosofia da História e Modernidade*. 5 (1): 91-114. São Cristóvão: UFSe, 2004.
- GARAUDY, Roger. Por uma discussão sobre o fundamento da moral. In: *Moral e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- PAIM, Antônio. *Tratado de ética*. Londrina: Humanidades, 2003.
- PARSONS, Howard. As raízes humanas da moral. In: *Moral e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1989.
- ZAMBRANO, Maria. *Persona e democracia: la historia sacrificial*. 2. ed. Madrid: Siruela, 2004.